



HISTÓRICO DA FONOAUDIOLOGIA NA PUC-SP

*Mauro Spinelli**

Informação preliminar

Este texto resulta do convite para que eu participasse do evento *Brasil 500 anos*, formulado pela professora Léslie Picoletto Ferreira, organizadora no âmbito da Fonoaudiologia.

A apresentação oral, feita no dia programado, baseou-se na memória de acontecimentos dos quais participei. A memória é pessoal, marcada pelas vivências, subjetiva e, portanto, o texto pode merecer sugestões, reparos, obter maior precisão, por parte de quem tenha vivido os tempos “puqueanos” dos quais ele fala.

* Professor titular da Faculdade de Fonoaudiologia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP.

Introdução

Os estudos sobre problemas de linguagem e de audição desenvolveram-se de modo variável no mundo. Esta apresentação, inserida nas comemorações dos 500 anos da descoberta do Brasil, realizadas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, está restrita a momentos importantes relativos à Fonoaudiologia no âmbito desta Universidade.

Ela inclui dados, até certo ponto contextualizados, sobre os incílios do Curso de Graduação em Fonoaudiologia, da Derdic, dos programas de pós-graduação e da especialização em Fonoaudiologia.

A história da fonoaudiologia na PUC-SP está enredada com sua inserção em outros espaços, no Brasil e na América Latina, pois o grande inspirador de estudos esparsos, antes e depois da instalação de cursos regulares, de real formação, foi o médico argentino Júlio Bernaldo de Quirós, falecido há alguns anos, que preparou inúmeros profissionais, médicos e fonoaudiólogos, de diversos países da América Latina.

No Brasil, Quirós estabeleceu vínculos acadêmico-científicos com diversos grupos, principalmente em São Paulo. Aqui, teve muitos contatos e ministrou cursos curtos, divulgando a Foniatria e a Fonoaudiologia, tanto no Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da USP, cujo Serviço de ORL era dirigido pelo professor Rafael da Nova, catedrático de ORL, como na Santa Casa, na qual apoiou bastante a área de audiologia e promoveu o ingresso da fonoaudióloga Rosália Bougolavsky, argentina que morou no Brasil durante alguns anos. Na Santa Casa, seu maior contato foi o Dr. Mauro Cândido de Souza Dias, o segundo na hierarquia do Serviço de ORL e que foi seu chefe posteriormente. O chefe do Serviço, do qual eu era médico otorrinolaringologista voluntário, era na época o Dr. José Eugênio de Resende Barbosa, que também estimulou e apoiou as relações com o Dr. Quirós. A participação deste último na Santa Casa incluía palestras e orientações a um incipiente setor de Fonoaudiologia, onde atuavam Rosália e duas estagiárias que ela estava preparando, a Sra. Nadir de Souza Dias, esposa do Dr. Mauro Cândido, e Vera Patané, de quem eu estava noivo e que apresentara a Rosália.

Ao mesmo tempo, Quirós mantinha fortes vínculos de estudos com a Clínica Psicológica do Instituto de Psicologia da PUC-SP, dirigido pela professora, posteriormente, Dr^a Ana Maria Poppovic (o Instituto era dirigido pelo Dr. Enzo Azzi, médico psiquiatra de origem italiana).

O Curso de Fonoaudiologia

Em 1961, o Dr. Américo Paulo Morgante, do Serviço de ORL do HC, que estivera especializando-se em foniatria com Quirós na Argentina, abriu, com a colaboração deste, o primeiro curso de Fonoaudiologia do Brasil, com duração de um ano. No ano seguinte, Quirós e Ana Maria, com participação do Dr. Azzi e também do Dr. Mauro Cândido, instalam o curso na Clínica Psicológica da PUC-SP, com duração também de um ano, em colaboração com a ORL da Santa Casa. Não era curso regular de nenhum departamento da Universidade.

Foram convidados professores brasileiros para as matérias não específicas de linguagem, e o Dr. Quirós indicou a fonoaudióloga Rosa Vispo, formada na Argentina, onde os cursos já eram aprofundados, para co-coordenar o curso, juntamente com Ana Maria Poppovic, e também ministrar as disciplinas específicas de linguagem e as práticas, que ocorriam na Santa Casa e na Clínica Psicológica, situada na rua Cardoso de Almeida.

A maioria, se não todas as alunas, tinha prática em terapia de linguagem, dentre elas, Vera e Sra. Nadir e “ortofonistas” autônomas e colaboradoras em serviços de entidades que atendiam pessoas com problemas. Cabendo assinalar que, até então, não se utilizava a palavra fonoaudiologia no Brasil.

Meus contatos com Quirós nas palestras que ele fazia aqui, nas visitas dele à Santa Casa, onde eu continuava como médico voluntário, e no incipiente curso de Fonoaudiologia, no qual a professora Ana Maria me pedira para lecionar anatomo-fisiologia em 1963, abriram o desejo e o caminho para minha ida a Buenos Aires para a especialização em Foniatria, que durava um ano em tempo integral.

Em 1964, o curso de Fonoaudiologia passou a ser de dois anos e, no final desse ano, a professora Rosa Vispo deixou a PUC-SP. Ao voltar da Argentina no fim de novembro, Ana Maria pediu-me para assumir a coordenação do curso, que estava acéfalo e com risco de ser desativado.

Mauro Spinelli

Assumi a coordenação, sem nenhuma experiência prévia, possivelmente por não tê-la e não saber das dificuldades que essa atividade encerra. Mas, com isso, o curso prosseguiu, com aulas práticas de terapia em uma sala da Clínica Psicológica, possíveis porque eram aceitos no máximo 30 alunos.

Paulatinamente, o curso passou a ser incorporado à Universidade, primeiro informalmente, com minha presença como coordenador nas reuniões diretivas da Faculdade de Ciências e Letras de São Bento, onde estava inserido o Instituto de Psicologia. Posteriormente, o curso, que tivera sempre o apoio do Dr. José M. Nagamine, então secretário da Faculdade, passou a ser integrante regular da Universidade, provavelmente por influência dele.

Na reforma da Universidade, em 1968, foi discutida no curso, com outro coordenador (penso que era o professor Orozimbo Alves Costa Filho ou o professor Alfredo Tabith Junior), a nova inserção da Fonoaudiologia, decidimos pela criação de um novo centro, o de Educação. Nessa fase, o curso já se fazia em três anos, o que perdurou até 1974, quando o currículo foi ampliado, e a duração passou a quatro anos.

A DERDIC

Em 1967, fui contratado para dirigir o Instituto Educacional São Paulo – IESP, que não pertencia à PUC-SP, era mantido e administrado por um grupo de pais de surdos. Em 1968, eles decidiram que a entidade deveria ser inserida em alguma Universidade, à qual doariam o acervo imóvel e o material. Pensaram na USP e na PUC-SP. Evidentemente, apresentei a questão ao nosso Reitor, Dr. Bandeira de Mello, que acionou as assessorias para estudar e depois realizar o convênio de doação que deu origem à DERDIC. Ao incorporar o prédio do IESP, situado à Alameda dos Tupiniquins, a reitoria aceitou um plano de unidade que teria a escola para surdos, como exigia o convênio, e também setores novos, de clínica e de pesquisa. Esse nosso plano foi de elaboração demorada, realizado, principalmente, graças ao trabalho de Cirley Motta, professora de História da PUC-SP que tinha aceito o trabalho, inicialmente voluntário, de reorganizar a

parte pedagógica do curso ginasial do IESP (Instituto Educacional São Paulo), e da pedagoga Maria Cecília Silveira Bueno que vinha trabalhando na orientação do curso primário.

A nova unidade da PUC-SP, nomeada inicialmente como Centro de Educação e Reabilitação de Distúrbios da Comunicação – CERDIC e, mais tarde, substituiu-se Centro por Divisão e a sigla para DERDIC, começou sua atividade em 1969, com equipe clínica da qual faziam parte, basicamente, professores da PUC-SP: Teresa Hëentschel (Tessi), Cláudia G. de Lemos, Maria Amélia Goldberg, Alfredo Tabith Jr., depois Orozimbo Alves Costa Filho, Vera Patané Spinelli, Evaldo B. Rodrigues.

Os primeiros anos da clínica foram extremamente ativos e inauguraram discussões realmente interprofissionais. Teríamos de perguntar a Claudia Lemos se não foi essa experiência que a levou a pensar tão profundamente na aquisição de linguagem.

A Pós-Graduação

Em 1971/72, o professor Orozimbo Alves Costa Filho planejou e implantou o programa de mestrado em Audiologia e Otologia. Em 1978, o plano que apresentei para o mestrado em Distúrbios de Comunicação foi bem aceito pela Comissão Geral de Pós-Graduação e, após resistências e dificuldades, foi aprovado pelo Departamento de Fonoaudiologia. O programa foi iniciado em 1979, sob minha coordenação, com Suzana M. Maia como vice-coordenadora, quatro anos depois, ela assumiria a coordenação.

Os dois programas, de Audiologia e de Distúrbios, este voltado para a linguagem, fundiram-se alguns anos depois, dando origem a um programa que integrava as questões da audição e da linguagem, tal como está hoje, nomeado como Programa de Fonoaudiologia.

A Especialização

A iniciativa de programarmos um curso de especialização partiu da professora Beatriz Cayubi Novaes, em sua gestão como coordenadora do Programa

Mauro Spinelli

de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação. Ela me deu a tarefa de preparar o projeto didático e também as condições para fazer isso. O projeto foi discutido e muito modificado, graças a inúmeras sugestões dos professores do Programa. Teve, ainda, de se adaptar às normas subitamente lançadas à comunidade fonoaudiológica pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia, em um final de ano letivo.

A implantação do projeto resultante desses debates tem sido feita graças à dedicação e ao esforço das professoras doutoras Silvia Friedman, Beatriz Novaes e Leslie Piccolotto Ferreira, responsáveis atualmente pela coordenação dos Núcleos de Linguagem, Audição e Voz, respectivamente.